

CEDI - P. I. B.
DATA 02/10/86
COD K2504

A FORMA LINGÜÍSTICA DE UMA TEORIA FOLCLÓRICA  
DOS KAMAIURÁS

CARL H. HARRISON

## A Forma Lingüística de uma Teoria Folclórica dos kamaiurás<sup>1</sup>

Carl H. Harrison

A ciência de lingüística tem começado ultimamente a se interessar por assuntos previamente considerados fora do seu alcance durante o período do estruturalismo dos primeiros cinquenta a sessenta anos do século vinte. Durante aquêlo tempo foi se desenvolvendo uma metodologia sofisticada para a análise formal da estrutura fonológica e morfológica da linguagem, sem se prestar atenção à função comunicativa que dá a razão-de-ser a um sistema qualquer do gênero. Os discursos, que seriam as unidades lingüísticas maiores que têm uma função comunicativa determinada, além de terem uma estrutura formal bem mais complexo do que a sua simples composição por sons e formas, tem uma estrutura racional que interliga as formas usadas numa função que satisfaz certas necessidades comunicativas daquêles que empregam os discursos na vida cotidiana, nas cerimônias, na instrução aos herdeiros da cultura, e em tais outras situações definidas pelo ambiente material e cultural e pela atuação do indivíduo perante aquêlo ambiente.

Dos vários tipos de discursos ocorrendo entre os kamaiurás, um se destaca pela sua estrutura formal meio rígida, pelo tipo de conteúdo que denominamos de 'teorias folclóricas', pela sua função comunicativa que parece ser a instrução (embora que este termo não pode ser rigidamente aplicado, já que o ouvinte em muitos casos tem ouvido o discurso antes), e pela sua estrutura racional e

lógica que cita os axiomas ou proposições básicas e também os teoremas ou conclusões derivadas numa interligação que inclui repetições dos axiomas e teoremas com (às vezes) pequenas variações que dão uma estrutura global estilística e formal ao discurso. Esta estrutura é uma daqueles que provavelmente os kamaiurás sentem como o veículo apropriado para a transmissão de informação cultural importante.

Foi escolhido então um discurso deste tipo para apresentar aqui a fim de dar ao leitor um conhecimento, primeiro, dos processos morfológicos e sintáticos comuns aos vários tipos de discurso, e segundo, de uma teoria folclórica dos Kamaiurás quanto ao conteúdo, tanto a forma. Uma teoria folclórica se define como um conjunto de períodos (que tem relações lógicas entre si) geralmente considerados como verdadeiros por pelo menos um subconjunto daqueles que falam a língua. Interessante de ponto de vista lingüístico é que, se aceitarmos as proposições primitivas (que aliás no caso da presente teoria seria duvidoso), o processo raciocinativo é correto, destacando o fato que a lógica que se emprega na derivação de teoremas corretas em si parece ser comum ao homem, embora que o conjunto específico de proposições primitivas escolhidos num caso particular seja accidental e representante as relações entre fenômenos que são acreditadas, i.e., aceitadas como existentes, quaisquer sejam os acidentes históricos responsáveis pela sua aceitação.

O discurso apresentado aqui, como outros de mesmo tipo,

é altamente redundante de acordo com os nossos conceitos europeus de como deve-se comunicar informação. A mesma informação básica é repetida muito, às vezes exatamente, outras vezes com variação lexical e estilística.

O texto é apresentado na seguinte forma. Primeiro é dada a análise de um período morfema por morfema, seguida na sequência abaixo por palavras em português dando os sentidos lexicais ou gramaticais das formas kamaiurás. Estas por sua vez são seguidas pelo mesmo período escrito como uma sequência das próprias palavras kamaiurás, que na sua vez é seguido por uma tradução em português do período inteiro.

Uma tradução completa é dada na primeira vez que aparece um morfema particular. Apresenta-se também a abreviatura que se usará subsequentemente. Espaço entre as formas na primeira sequência da apresentação de um período qualquer representa as divisões entre morfemas (ou variantes de morfemas) que proporcionam a análise mais conveniente do período. Um espaço entre formas na segunda sequência de material em kamaiurá representa uma divisão entre palavras. Estas divisões foram feitas nos pontos onde o informante sentiu-se livre a pausar no ato de ditar o texto (que tinha sido gravado eletronicamente). O período é aquele pedaço de material lingüístico que começa imediatamente depois de silêncio ou depois do fim de um outro período e termina com um dos morfemas terminantes (ko?yt, kowa). Não se tenta apresentar formalmente a estrutura gramatical da língua kamaiurá neste trabalho.

As seguintes convenções são adotadas para indicar a pessoa e o número dos prefixos.

- 1 indica primeira pessoa singular
- 2 " segunda pessoa singular

12 indica primeira pessoa plural, inclusivo do ouvinte

13 indica primeira pessoa plural, exclusivo do ouvinte

3 indica terceira pessoa, singular ou plural.

Nenhuma distinção formal é feita entre singular e plural na terceira pessoa neste nível em kamaiurá. Marcas de plural ocorrem de vez em quando com substantivos mas a falta de tal marca não indica exclusivamente o singular.

Os adjetivos ocorrem com um dos sentidos (numéricos) acima em relação ao prefixo que marca a pessoa e o número do adjetivo. Num caso destes, o sentido do adjetivo é atribuído à pessoa (e ao número) do prefixo.

Exemplo:     i     katu  
                   3     bom

i.e.: ele, ela, (eles, elas) é (são) bom, boa, (bons, boas).

Substantivos que podem ocorrer com prefixos indicando o possuidor, ocorrem com um dos acima mencionados. Num caso destes, o prefixo indica a pessoa e o número do possuidor a quem está se referindo. No caso de verbos intransitivos, o prefixo indica a pessoa e o número do sujeito e em verbos transitivos, o prefixo indica a pessoa e o número do sujeito e também do objeto. Neste último caso serão indicados o sujeito e o objeto na forma a/b na qual a indica a pessoa e o número do sujeito e b indica os do objeto. Se um dos dois (a ou b) é ambíguo, será então usado um x. Assim x/3 indica que um sujeito não especificado está agindo sobre um objeto de terceira pessoa (singular ou plural). Desta maneira reconhece-se que o sistema de prefixos é replicado nos sistemas nominal, adjetival e verbal tanto a respeito da semântica básica quanto a forma fonológica.

O texto analisado em detalhe:

1. ipira      a                rehe            ore            o            ramwe  
          peixe            marca de        a-respeito     l3            ir            quando/se  
                               substan-  
                               tivo (m.s.)        -de

cimo        a        rane            ore            kyjt        e            ko?yt  
timbo      m.s.    continua-    l3/3        extrair     vogal        fim-da-frase  
(veneno)            tivo  
                               (cont.)            epente-        (f.f.)  
     tico (ep.)

ipiraarehe oreoramwe cimoarane orekyjte ko?yt  
 'Quando nós vamos para pegar peixe, extraímos o timbô.'

2. cimo        a        rekyj        paw        ire  
timbo        m.s.    extrair     terminar    quando

ore        (e)ro            ?ata            m            e            ko?yt  
l3/3        marcante de    andar        marcante de    ep.        f.f.  
                               coagente (co.)                                      dependencia  
     (m.d.)

cimoarekyjpawire orero?atame ko?yt  
 'Quando nós terminamos de extrair o timbô, nós o carregamos.'  
 ('extrair' neste caso significa apenas 'tirar do cipô')

3. tape        rupi        rane            ore            (e)ro        ?ata        m  
          caminho    em            cont.        l3/3        co.            andar        m.d.

e        cimo        a            ko?yt  
ep.     timbô        m.s.        f.f.

taperupirane orero?atame cimoa ko?yt  
 'Nós levamos o timbô no caminho.'

4. oro        jomono      m            e            ywpaw        a        remi?yj        ip        e  
          l3        viajar        m.d.        ep.        lagoa        m.s.    beira        a,        ep.  
     em

ko?yt  
f.f.

orojomonome ywpawaremi?yipe ko?yt  
 'Nós viajamos à beira da lagoa.'

5. a?e p e cimo a ore (e)ro ?at e ko?yt  
aquele em ep. timbó m.s. 13/3 co. cair ep. f.f.  
(lugar)

a?epe cimoa orero?ate ko?yt  
'Ai nos colocamos o timbó.'

6. ipira ?ajan p e ko?yt  
peixe muito em, ep. f.f.  
onde

ipira?ajanpe ko?yt 'Aonde há muito peixe.'

7. cimo a ore i nupa m e wetep  
timbó m.s. 13 x/3 bater m.d. ep. todos

ore i nupa m e cimo a ko?yt  
13 x/3 bater m.d. ep. timbó m.s. f.f.

cimos ore inupame wetep ore inupame cimoa ko?yt  
'Nós batemos o timbó, nós batemos todo o timbó.'

8. ore i nupaN paw ire oro je potat e ko?yt  
13 x/3 bater terminar quando 13 refle- ficar ep. f.f.  
xivo

ore inupaNpawire oxojepotate ko?yt  
'Quando terminamos de batê-lo, saímos de lá.'

9. a?e her a wi acaN oro kwap e ko?yt  
 aquele lugar m.s. de dimi- l3 parar ep. f.f.  
 nunitivo

a?eherawiacaN orokwape ko?yt  
 'Pouca distância de lá, paramos.'

10. ihukwe ?ymawe ipira a o ?aju m e ko?yt  
 expressão idiomática: peixe m.s. 3/3 tonto m.d. ep. f.f.  
 'pouco depois'

ihukwe ?ymawe ipiraa o?ajume ko?yt  
 'Depois de uma pequena demora os peixes ficam tontos.'

11. cimo a ray a iwiN i juka  
 timbõ m.s. dor m.s. diminutivo x/3 matar

m e ko?yt  
 d.m. ep. f.f.

cimoarayaiwiN ijukame ko?yt 'A dor do timbõ os mata.'

12. a?e ramwe kunu?um er a cimo a  
 isto como-resul- menino plural m.s. timbõ m.s.  
 tado-de

remiar a ?ywo m e kunu?um er a ko?yt  
 peixe m.s. flechar m.d. ep. menino plural m.s. f.f.

a?eramwe kunu?umera cimoaremiara cimoaremiara?ywome  
kunu?umera ko?yt

'Depois disto os meninos flecham o peixe do timbõ.'



13. a?e ramwe kanuwaw or a n o  
isto resultado relações- nominaliza- m.s. negativo 3/3  
-de sexuais dor (nom.) (neg.)

?ywo ite rane ipira a ko?yt  
flechar neg. cont. peixe m.s. f.f.

a?eramwe kanuwawora no?ywoiterane ipiraa ko?yt  
'Aqueles que já tiveram relações sexuais não podem flechar peixe.'

14. anite rane ipira ?ywo taw a  
nao-há cont. peixe flechar nom. m.s.

kanuwawor a ko?yt  
aqueles-que- m.s. f.f.  
já-tiveram-  
relações-s.

aniterane ipira?ywotawa kanuwawora ko?yt  
'Aqueles que já tiveram relações sexuais não possuem a habilidade de flechar peixe.'

15. kunu?um er a jepe ram e te  
menino plural m.s. somente infeliz- ep. somente  
mente

o ?ywo kowa  
3/3 flechar f.f. (co-ocorre com te)

kunu?umerajeperamete o?ywo kowa  
'Os meninos são os únicos que podem flechar (o peixe).'

16. anite ram ipira ?aju taw a ko?yt  
nao-há infelizmente peixe tonto nominalizador m.s. f.f.  
(inf.)

aniteram ipira?ajutawa ko?yt  
'Infelizmente os peixes não se tornam tontos.'

17. (repetição exata de Nº 16)

18. a?e ramwe te kanuwawor a n o  
isto resul- infeliz- aqueles-que- m.s. neg. 3/3  
tado-de mente tiveram-rel.-  
sex.

?ywo ite rane ipira a kowa  
flechar neg. cont. peixe m.s. f.f.

a?eramwete kanuwawora no?ywoiterane ipiraa kowa  
'Por isso, aqueles que já tiveram relações sexuais não podem  
flechar peixe.'

19. kunu?um er a jue rane ipira a  
menino plural m.s. somente cont. peixe m.s.

cimo a remiar a ?ywo m e ko?yt  
timbo m.s. peixe m.s. flechar d.m. ep. f.f.

kunu?umerajuerane ipiraa cimoaremiara?ywome ko?yt  
'Somente meninos podem flechar o peixe, o peixe do timbô.'

20. i wite we jue kujaN i kanuwam  
3 como também somente mulher x/3 ter-rel.-sex.-  
com

a?e a n o pyhyk ite rane ipira  
aquele m.s. neg. 3/3 pegar neg. cont. peixe

a o ?aju m a?e a ko?yt  
m.s. 3 tonto m.d. aquele m.s. f.f.

iwitejue kujaN ikanuwan a?ea nopyhykiterane ipiraa o?ajum a?ea ko?yt  
'Assim, quem quer que tenha tido relações sexuais com uma mulher  
não pode pegar os peixes tontos.'

21. o ?aju m a?e a jepe ram e  
3 tonto d.m. aquele m.s. somente inf. ep.

te o pyhyk kujaN a kowa  
inf. 3/3 pegar mulher m.s. f.f.

o?ajum a?eajeperamete opyhyk kujaN kowa  
'Se mulheres pegarem aqueles que estão tontos...'

22. ipira a ram e o hwerap e ko?yt  
peixe m.s. inf. ep. 3 viver ep. f.f.

ipiraarame ohwerape ko?yt  
'Infelizmente os peixes todos continuam vivos.'

23. anite ram ipira a mano taw a ko?yt  
não-ha inf. peixe m.s. morrer nom. m.s. f.f.

aniteram ipiramanotawa ko?yt  
'Infelizmente, os peixes não morrem (não há morte de peixe).'

24. a?e ramwe rane te kujaN merer a  
isto resultado- cont. inf. mulher plural m.s.  
de

ipira a o ?aju m a?e a n o pyhyk ite  
peixe m.s. 3/3 tonto d.m. aqueles m.s. neg. 3/3 pegar neg.

rane ko?yt  
cont. f.f.

a?eramweranete kujaNmerera ipiraa o?ajum a?ea nopyhykiterane kowa  
'Por isto as mulheres não pegam os peixes tontos.'

25. o ?ajum a?e a jepe ram e te o  
3 tonto aque- m.s. somente inf. ep. inf. 3  
les

pyhyk kowa  
pegar f.f.

o?ajum a?eajeperamete ophyhyk kowa  
'Se elas pegassem aqueles que estão tontos...'

26. ipira a ram e o hwerap e wetep e ipira a ko?yt  
peixe m.s. inf. ep. 3 viver ep. todos ep. peixe m.s. f.f.

ipiraarame ohwerape wetepe ipiraa ko?yt  
'Infelizmente, os peixes permaneceriam vivos.'

27. i katu i katu ram ipira a o hwerap e ko?yt  
3 bom 3 bom inf. peixe m.s. 3 viver ep. f.f.  
 reduplicação para formar o negativo

ikatu ikaturam ipiraa ohwerape ko?yt  
 'Infelizmente, não seria bom se os peixes continuassem vivos.'

28. anite ram ipira ?aju taw a ko?yt  
 não- inf. peixe tonto nom. m.s. f.f.  
 haveria

aniteram ipira?ajutawa ko?yt  
 'Infelizmente, os peixes não ficariam tontos.'

Neste comentário tentaremos mostrar a teoria folclórica que este discurso apresenta ao ouvinte. Tratamos da teoria básica a respeito do conteúdo, como também da forma lexical e fonológica particular que os kamaiurãs consideram apropriada a material deste gênero.

Divisão básica do texto:

- A. Informação necessária ao entendimento do problema:  
 Períodos 1 a 12 explicam a maneira pela qual os kamaiurãs preparam e executam um certo tipo de pescaria.
- B. Conjunto de proposições básicas com repetições e variações:  
 Períodos 13 a 28

Proposição básica número...	é contida nos períodos...
I	15, 19
II	13, 14, 18, 20
III	16, 17, 23, 28
IV	21-22, 25-26
V	27
VI	24

As proposições básicas poder-se-iam traduzir assim:

- I Sõ garotos podem flechar peixe enven<sup>en</sup>ado.
- II Aqueles que já tem tido relações sexuais não devem flechar peixe.
- III Os mesmos não tem a habilidade de matar o peixe.
- IV Se mulheres pegarem aqueles peixes que estão tontos, os peixes não morrem (continuam vivos).
- V É desejável matar os peixes.
- VI Por isto, as mulheres não pegam os peixes tontos.

Crê-se então que as mulheres não devem ter nada a ver com o peixe que está sob a influência do timbõ. Segundo informação de uma outra fonte<sup>2</sup>, os mama?e (uma espécie de espírito) não gostam do sangue menstrual e por isso não ajudam na pescaria quando é feita ou por mulher ou por homen que já teve contato. Mãs tal fato não foi mencionado no discurso acima apresentado. Em função das proposições básicas I a VI temos o seguinte esquema:

(Retira-se, de início, a proposição II das outras, ela é uma simples consequente de III, e também proposição V, que representa o motivo que permanece ao fundo do problema inteiro.)

Proposição Primitiva (A): Quem quer que sejam se é uma mulher ou já tem tido relações sexuais (ou tem algum outro impedimento), então não é capaz de matar o peixe do timbõ, e, se (é uma pessoa que) é incapaz de matar o peixe do timbõ, então ou é mulher ou já teve relações sexuais (ou tem um outro impedimento).

Desta proposição primitiva deriva-se então:

Teorema (B): Se é garoto, então pode matar o peixe do timbó.

Para ver que este é uma teoria respeitável no sentido que o teorema segue mesmo da(s) proposição primitiva(s), basta adicionar uns outros axiomas e teoremas completamente subentendidos para ver a progressão.

Nos axiomas que seguem, 'quem quer que seja' é entendido em cada caso.

Axioma (C): Se é garoto, não é mulher.

Axioma (D): Se é garoto, não tem sido relações sexuais.

(Axioma (E): Garotos não tem outros impedimentos.)

Então, podemos conseguir, por transposição da segunda parte da Proposição Primitiva A.

Teorema (F): Se não é uma mulher e não tem tido relações sexuais (e não tem outro impedimento), então não é incapaz de matar o peixe do timbó.

Sabendo, por axiomas C, D, (e E) que um garoto satisfaria o antecedente do teorema F, temos então

Teorema (G): Se é garoto, então não é incapaz de matar o peixe do timbó,

que é equivalente, por negação dupla do conseqüente, ao teorema B.

Em termos de conjuntos (o universo sendo todas as pessoas do grupo), o conjunto de pessoas que têm a capacidade de matar o peixe do timbó, e o conjunto de pessoas que ou são mulheres ou têm tido relações sexuais (ou têm outro impedimento) são

disjuntos, e abrangem o universo de pessoas.

Ou, melhor, garotos são as únicas pessoas que não são mulheres, nunca tiveram relações sexuais, (e não têm outro impedimento como infância, doença, etc.).

Notável, então, é a possibilidade de análise lógica das idéias básicas de um discurso instrutivo, nos dando uma noção de uma teoria pela qual um grupo de pessoas se comportam em certas condições. Os kamaiurãs parecem agir de acordo com essa teoria, e, embora que os homens façam parte da pescaria no que diz respeito a batida do timbõ, são justamente os garotos que flecham os peixes tontos.

Quanto a forma sintática da teoria, várias das proposições (axiomas ou teoremas) são dadas com até quatro variações.

A proposição básica III parece ser destinada a uma atenção especial pelas três repetições exatas. Variações são de uns poucos tipos básicos, combinando o que são essencialmente as mesmas orações básicas com o que se pode chamar de estruturas superficiais um pouco diferentes em alguns casos.

Dentro de uma gramática escrita sobre a língua amaiurã, essas diferenças poderiam se mostrar como diferenças apenas na escolha de itens lexicais ou de estruturas sintáticas superficiais diferentes. As proposições citadas como iguais são iguais no nível semântico, isto é, são iguais no sentido básico que exprimam. As variações superficiais devem satisfazer certas exigências estilísticas para os falantes deste idioma.

Este discurso do kamaiurã foi apresentado, então, para exemplificar uma teoria folclórica dos kamaiurãs, interessante por que mostra, primeiro, a estrutura morfológica e sintática dos períodos em kamaiurã, segundo, os recursos estilísticos sentidos como apropriados pelos kamaiurãs para a apresentação de informação desse gênero, e, terceiro, a estrutura racional que utilize a relação entre certas impossibilidades para derivar, por meios reconhecidamente lógicos, proposições relacionadas que possibilitam a ação positiva frente a uma situação na qual objetos extremamente importantes à sobrevivência (como o peixe) figuram.

Em fim, este trabalho nos mostra pelo menos alguns rumos que podem ser tomados no estudo de uma língua indígena que possibilitam um entendimento mais amplo e ao mesmo tempo mais profundo da estrutura racional e estilístico do discurso humano.



Notas: <sup>1</sup> Os kamaiurãs autodenominam-se ?apyap mas na presente época estão adotando o nome kamaiurã (dado não se sabe quando nem por quem), que vem ganhando aceitação na região.

Os sons do kamaiurã são: p, t, k, ? (oclusão glotal), c (foneticamente ts), m, n, ŋ (nasal velar), w (u não-silábico), r (flap), j (i não-silábico), h (fricativa glotal surda), i, e (foneticamente É), y (foneticamente ï), a, u, o (foneticamente O, salvo quando nasalizada, que então seria Õ). Existe nasalização em certas palavras inteiras, escrita com N (maiuscula) no fim da palavra. Uma consoante nasal nasalizaria todas as vogais ou líquidas que a procedem num morfema. O acento ocorre na última sílaba de verbos e substantivos em isolação. Acento num período é uma função do acento das palavras individuais. As regras são complicadas e não afetando a tese deste trabalho, não são apresentadas.

Este trabalho foi feito como resultado de convênios do Summer Institute of Linguistics, do qual o autor é membro, com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e com a Fundação da Universidade de Brasília (FUNB). O trabalho de campo foi possibilitado pelo convênio existente entre a FUNB e o Parque Nacional do Xingu onde residem os Kamaiurãs. O autor agradece às autoridades do Parque a cooperação dada para este fim.

<sup>2</sup> Informação providenciado pelo antropólogo Pedro Agostinho.